

“MINHA PROFISSÃO É SER MÃE DOS MEUS MOLEQUES!”: UM RELATO SOBRE O SENTIMENTO DE FAMÍLIA, MATERNIDADE E HONRA ENTRE MULHERES PROSTITUTAS NA CIDADE DE MARÍLIA- SP¹

SGANZELLA, Natália Cristina Marciola²

Resumo

O artigo busca compreender como se articulam as noções de família, maternidade e honra nas narrativas de mulheres que exercem prostituição nas ruas do centro da cidade de Marília/SP. O método de pesquisa utilizado baseia-se em conversas livres, sem gravador ou questionário dirigido, e o resultado da análise pauta-se nas descrições das narrativas das mulheres sobre suas vivências pessoais e com os personagens de seu convívio. Deseja-se entender como as mulheres prostitutas vivem e consomem a relação cotidiana da família e da maternidade. As famílias entrevistadas fogem ao padrão nuclear conjugal e compõe-se de "unidades mãe-filhos". As mães demonstram profundo sentimento de proteção e preocupação com os filhos, a exemplo das incessantes ligações efetuadas para os celulares das crianças ou aos locais onde eles permaneciam durante seu período fora de casa.

Palavras-chave: maternidade, honra, família, prostituição feminina e gênero

Durante o primeiro semestre de 2009, mantive contato com sete mulheres que exercem a prostituição de rua no centro da cidade de Marília. Nas conversas, as mulheres narravam acontecimentos domésticos acerca de seus filhos, dotes culinários e artesanais, brigas com namorados ou com os pais de seus filhos, entre outros. Entre telefonemas e a narração desses episódios foi possível perceber o espaço público da rua dominado pela presença da casa. Tomando como base a constante apresentação dessa dimensão da casa, da família e da noção de respeito que tanto ouvi, procurei neste artigo refletir sobre a intensidade vivida e apreendida desses aspectos nas experiências femininas das interlocutoras.

É possível perceber um deslocamento na perspectiva dos estudos de prostituição no Brasil. Em um primeiro momento, os estudos apontavam para a existência de um discurso sobre a prostituição como uma chaga social e descreviam a precariedade moral e social³ da qual as mulheres estavam submetidas. A mulher era tomada como vítima de

¹ Este trabalho retoma pontos discutidos e refletidos por ocasião no 33º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu – MG e elementos resultantes de meu processo de qualificação da dissertação de mestrado.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS- UFSCar), orientador Prof. Dr. Marcos Pazzanese Duarte Lanna, bolsista FAPESP. Endereço eletrônico: nataliasganzella@hotmail.com

³ Como referência da forma de visão ver Lagenest (1973)

sua falta de sorte, pobre e doente (cf. PASINI, 2005). Esses discursos, carregadamente ideologizados por valores morais, foram endossados pelo discurso médico - científico, funcionando como meios eficazes para inserção de práticas higienistas nos corpos femininos, que visavam garantir o controle da sexualidade. Excedendo os limites de uma doença que se restringe ao corpo da mulher, a prostituição se firma como uma doença do corpo social, tendo necessidade de ser observada e controlada por médicos e policiais. (RAGO, 1991).

Se barreiras físicas não foram suficientes para decretar o fim do “mal social”, será no corpo que se desenhará os limites da sexualidade normal ou pervertida, cada uma encaixando socialmente as posições femininas. Em seu texto RAGO (1991) aponta para o amplo aparato médico e social utilizado para marcar as diferenças entre a esposa/mãe/privada da meretriz/mulher/pública. Ao descrever a figura pública da prostituta criava-se o corpo privado da mãe, as formas de andar, os perfumes, as formas de falar circunscreviam o espaço do corpo feminino.

Os estudos sobre prostituição são abordados por diversas áreas de conhecimento, e este artigo terá como recorte as pesquisas em Ciências Sociais, principalmente as que são constituídas por uma linha sócio-antropológica. Tal escolha dentro da produção bibliográfica das Ciências Sociais deve-se à variação da forma como é conduzida a perspectiva sobre prostituição. A perspectiva teórica adotada pauta-se em estudar o universo que circunda a prostituição, seguindo autores como BACELAR (1982), GASPAR (1984), FREITAS (1985), PERLONGHER (1987), MORAES (1995), FONSECA (1996), PASINI (2000; 2005) e visa não apresentar apenas a prostituta, mas também a mulher que atua na prostituição e com ela todo o conjunto de relações, suas vivências e seus conflitos que compõem o cenário.

A riqueza e a potencialidade das narrativas de cada autor contribuem para colorir e descrever esse universo da prostituição, que passa a descaracterizar discursos como a vitimização, exploração, pobreza, mostrando um conjunto diferente de interações, associações que produzem um “olhar” e que permite enxergar o mundo “dentro” e “fora” da prostituição, a partir das narrativas de suas autoras.

Brevemente, desejo expor a produção de autores que nortearão este estudo como GASPAR (1984) e FREITAS (1985) que utilizam a perspectiva interacionista como método para suas análises. GASPAR (1984) pesquisou boates e apartamentos freqüentados por garotas de programa na região de Copacabana - Rio de Janeiro. Ela

relata suas limitações em aprofundar as relações com suas informantes devido às constantes mudanças do lugar de trabalho delas. Para “sanar” essa “superficialidade” das relações e coletar mais dados sobre as garotas de programa, a pesquisadora acessou outra rede de informantes constituída por clientes e freqüentadores das boates. Outra estratégia adotada foi alugar, durante o período da pesquisa, um apartamento, cuja vizinhança era composta por garotas de programa, e com isso pôde conviver com algumas delas fora das boates. GASPAR (1984) analisa como as garotas criam “limites” como forma de registrar no corpo os espaços públicos e privados para o afeto.

FREITAS (1985) assim como GASPAR (1984) analisam como a mulher prostituta estabelece limites que diferenciam o cliente de seu parceiro afetivo. O avanço da análise de FREITAS (1985) mostra-se em dois aspectos, o primeiro quando ele atribui para a prostituta uma identidade. A “identidade da prostituta” cria entre a mulher e o cliente um protocolo, no qual haverá a negociação sobre os usos do corpo durante o ato sexual. Esse contrato (o programa) entre as partes estabelece o preço, o tempo e a atividade sexual que será desempenhada. Embora inicialmente os termos contrato e negociação pareçam mecânicos e frios, o autor fala da centralidade da figura da mulher em decidir que outras ações poderão ser incluídas no programa como beijos e carícias no seio etc. Assim, traz a idéia de que a mulher possui uma margem de escolha e ação na prostituição e não está fadada à figura de vítima. Mostra, também, como as relações são porosas podendo transpor o limite do trabalho e chegando ao campo afetivo dentro do programa.

Com viés sociológico, MORAES (1995) estuda uma zona de prostituição no Rio de Janeiro, a Vila Mimosa. Tal como FREITAS (1985), as mulheres da Vila residem em seus locais de trabalho, fazendo com que haja uma interposição entre o lugar de moradia e o lugar de trabalho. A autora mostra como essa interposição dos lugares gera uma situação mestiça na vida das mulheres prostitutas, criando várias significações ao lugar, da mesma forma que devem ser entendidos seus corpos como pertencentes a esse componente multifacetado de relações. Embora as relações possam ser entendidas como múltiplas, o estudo de Pasini (2005) mostra como para os homens é incompatível ter uma esposa que também exerça prostituição, uma das vidas deve ser escolhida para os homens. Os corpos femininos devem tomar a forma da rua ou da casa. A virilidade masculina constrói-se pela exclusividade e dominação feminina.

Fonseca (1996) insere uma visão inovadora para as pesquisas sobre prostituição, a presença do marido ou uma figura afetiva estável como um elemento constituinte do cotidiano dessas mulheres. Ao analisar a mulher-prostituta, de idade superior a 40 anos, em uma praça central na cidade de Porto Alegre, ela ressalta a presença dessas mulheres diluída em meio a outros grupos que dividiam a mesma praça. Através da sua aproximação e da percepção dos discursos e códigos de conduta, ela pode decodificar a peculiaridade de um grupo de mulheres. Estas mulheres, que também eram prostitutas, não usavam mais como meios de “negociação” os artifícios da beleza e da juventude, mas desenvolveram meios próprios de se relacionar com este universo. Um dado importante nesta pesquisa é a presença do “velho⁴” e a relativização da aparência como critério de identificador da mulher prostituta.

Na perspectiva de explorar o cotidiano da prostituição, temos os trabalhos de PERLONGHER (1987) e PASINI (2000). A idéia desses autores conflui em diversos pontos, ambos focam seus trabalhos na prostituição de rua. Ressaltando as especificidades de cada um deles, PERLONGHER (1987) estudou a prostituição viril e PASINI (2000) as mulheres prostitutas, ambos nas ruas de São Paulo. PERLONGHER (1987) propondo-se a seguir os fluxos entre clientes e michês, usou da prática do *trottoir* para vagar nos pontos atrás de seus sujeitos, compreendendo assim os fluxos de desejo. PASINI (2000) com o objetivo de estudar os limites simbólicos e corporais fixados pelas mulheres prostitutas, descreve substantivamente o entorno de seu campo de pesquisa: a rua como um lugar para se socializar e trocar informações. Muito dos relatos descritos por Pasini (2000) fazem parte do meu cotidiano de pesquisa como a presença da casa na rua, as narrações sobre família, roupas etc.

BACELAR (1982) estudou a região na zona do Maciel na Bahia. Os “programas” são realizados pelas mulheres em sua própria residência. Compreender os movimentos da zona, que ora se configuravam como lugar de residência e ora como lugar de prostituição, trouxe para o autor uma riqueza de dados, pois suas interlocutoras explicavam como eram estabelecidos os limites entre um momento e outro como, por exemplo, a ida dos filhos à escola para disponibilizar a casa para os programas. Respalado pela teoria do desvio⁵, o autor conclui que as mulheres seguem as ordens prescritivas de casamento como exogamia e incesto. E que mesmo no contexto de

⁴ Cliente que mantém financeiramente a mulher em troca de exclusividade sexual.

⁵ Teoria de Howard Becker;

miséria, desvio e patologia conseguem estabelecer vínculos afetivos de familiaridade e amizade. Sugiro que esta análise do autor, pautada na noção de desvio, aloque a prostituta como um elemento “pária” da sociedade. Ao dizer que as famílias das prostitutas seguem padrões tradicionais de constituição familiar como o respeito a regras de matrimônio incorre na frágil idéia de que a “identidade desviante da prostituta” faria dela um sujeito alheio aos padrões culturais, sociais e econômicos aos quais todos são socializados.

A descrição de todos esses trabalhos teve como fim justificar essa tendência de deslocar o olhar da “figura performática da prostituta” e projetá-la para outros campos da experiência da vida das mulheres. Essa pesquisa tinha como seu objetivo inicial buscar o acesso aos outros contextos de vivência das mulheres, mas, com o passar do tempo, percebi que não é necessário adentrar a intimidade para compartilhar as experiências privadas. Estes contextos são materiais vivos e presentes nos diálogos diários que travam entre si cotidianamente.

Entre idas e vindas: A honra do marido, a liberdade da mulher

Os temas privilegiados nos diálogos entre as mulheres tinham sempre a marca do ambiente privado. Falam dos filhos, dos vizinhos, das contas, das compras, da saúde e do sustento material; as solteiras falam de seus relacionamentos, todas falam das colegas e muito dos clientes. Os períodos em que passei sentada na soleira das lojas com as mulheres foram marcados por muitos momentos de risadas e outros mais tristes. A maioria das situações foi regada por risadas e falas animadas.

Tal qual em um cenário, os episódios contados pelas mulheres possuíam seu grau de dramaticidade, os gestos e tom de voz entoavam a marcação do que se desejava explorar. FONSECA (1995) descreve a peculiaridade da utilização do modo de expressão oral em grupos populares, faço uso de sua descrição para ilustrar as formas como as mulheres encarnam/materializam os produtos de suas memórias. Os fatos narrados ganham vivacidade através das expressões do contador. A mudança fisionômica, o reavivamento do diálogo transcorrido,

A corporalidade das informações manifesta-se de diversas maneiras. Entre as lembranças de pessoas e lugares, figuram referências constantes a comidas, barulhos, doença e dores. Para me descrever a crise cardíaca que matou seu marido, a viúva passa primeiro em revista o cardápio de tudo que ele comeu [...] O narrador, para descrever o mais banal acontecimento, se toma ator - como se achasse só as

palavras sem graça, como se fosse necessário completá-las com outra linguagem. (Fonseca, 1995:5)

Assim como Fonseca (1995), Caldeira (2000) ao pensar na fala do crime como evento que reorganiza a experiência individual, mostra que a riqueza dos detalhes e o entrelaçamento entre os fatos antes da ocorrência do crime e após o acontecido são vivamente rememorados sempre que acionados. Esta ordenação transcorre como um divisor de águas na experiência do indivíduo. Sugiro que a maternidade na vida das mulheres prostitutas tenha essa eficácia na organização dos eventos de sua vida. Os diálogos são permeados pela experiência da maternidade.

Nossa! Quando o crack chegou em Marília, isso a uns 15 anos atrás, eu era novinha ainda, eu comecei a usar e é tudo assim, você vai na maconha, depois o crack. O crack vicia muito, você só quer saber dele e toda hora. N: Você já chegou a ficar virada? Z:: Vixi direto. O crack mata rápido e você tem que ter muita opinião pra sair dele. Eu dou graças a Deus que meu irmão tá preso, porque se ele sair, ele morre, ele tá com uma dívida de R\$7000,00 na boca e se ele sair de lá matam ele, eu rezo pra ele ficar lá. Eu [larguei do crack] depois que engravidei do meu menino, tive muita opinião, você não tem idéia do quanto, mas eu tenho mais dois irmãos que estão no crack. A casa da minha mãe parece uma boca de tanta fumaça. Minha casa é colada com a dela, mas eu não deixo meus filhos irem lá. Pra aprender é um pulo, eles sabem o que é, mas ai deles se usarem. (Diário de campo, abril/2009-Zilda)

Descrevo três experiências que compõem o ‘corpo de baile’ de minha pesquisa, são mulheres cuja relação ganhou um ar mais intimista. São as histórias familiares de Zilda, Silvia e Telma⁶ que, contextualmente, dão corpo aos conceitos de família, maternidade e honra. De acordo com FONSECA (1996), sugiro que as relações familiares são centrais na vida das mulheres prostitutas. As experiências biográficas narradas não se desenrolam de forma tranqüila, são tensionadas por fios que envolvem brigas e mentiras (aos filhos) para sustentar sua estrutura familiar. Utilizo as falas como substrato da análise, pois são a partir das narrativas e tomando com seriedade o que minhas interlocutoras dizem que busco apresentar alguns desses momentos.

Zilda possui quatro filhos, tem por volta de 32 anos de idade, atualmente é casada⁷ há cinco anos com um jovem de vinte anos, pai de seu último filho com nove meses de idade. Há doze anos na prostituição, natural da cidade disse sempre ter

⁶ Todas os nomes são fictícios.

⁷ Casada aqui não se remete ao matrimônio legal, mas a co-habitação por mais de dois anos (cf. Pasini, 2005)

trabalhado pela redondeza. Embora no relato acima tenha dito que parou de fazer uso do crack em outro momento ela relatou ter usado a droga durante sua última gestação como forma de atingir o marido. A situação matrimonial de Zilda é permeada por violência física e simbólica. Se por um lado coíbe seus filhos de visitar a avó, por outro seu companheiro leva situações de violência para o interior de sua casa. Quando é interpelada sobre porque não abandona o marido, ela relata a importância da presença física de um homem na casa como seu companheiro e como referência para seus três filhos homens. A figura masculina para Zilda é mostrada em diversos momentos como ao dizer que,

Ele é meu vício, é pior que crack, eu tive oportunidade de encontrar um homem bom que me tirasse da vida e eu “quis ele”, burrice minha, mas não sei que acontece eu sou dependente dele, os menino gosta dele também. Nós temos que assumir a consequência dos atos e ele é a minha (Zilda)

O sentimento afetivo somado a presença masculina na casa tem um aspecto mais simbólico do que material. Zilda disse que existe apenas um limite que a faria “perder a cabeça” em relação ao companheiro, caso ele agredisse algum de seus filhos. Ela é a provedora financeira da casa, soma o valor dos programas a assistência financeira que recebe do governo e com isso consegue realizar o sustento da casa, sem a ajuda do marido. Ao jovem cabe o cuidado dos filhos, quando ela sai para trabalhar, e as atividades domésticas diárias. A figura do marido é importante no funcionamento do lar, mas a ele é vetada qualquer autoridade de repreender os filhos dela, a não ser que seja a criança filha dele. Sempre altera o tom da voz quando imagina a possibilidade de seu marido bater em suas crianças.

Ela diz que as brigas do casal ocorrem sempre pelos mesmos motivos pela sua profissão e também pela agressividade dele sendo um mau exemplo para as crianças. PASINI (2005) e FONSECA (1995) falam do aspecto relacional da honra masculina, há uma interdependência da figura masculina ao comportamento feminino. FONSECA (1995) diz

subjacente ao medo masculino de ser chifrudo, existe o raciocínio de que, se o homem não sustenta bem o seu lado da barganha, a mulher não vai manter o dela. Em outras palavras, se o homem não oferece à mulher um nível adequado de conforto, ela não tem a obrigação de ser fiel. Isso não quer dizer que um homem aceite a libertinagem de sua mulher. Muito pelo contrário. A não-aceitação explica os inúmeros mecanismos de enclausuramento e as injunções contra o trabalho extradoméstico da mulher. (FONSECA, 1995:9)

Durante o período da pesquisa notei um evento rotineiro na vida das mulheres prostitutas, o abandono temporário da rua quando se envolvem afetivamente com um homem. Todas as mulheres relataram a incompatibilidade em manter ambos. Zilda consegue manter o relacionamento, porém, submete-se a agressões. Elas reafirmam a idéia da honra masculina presente em FONSECA (1995), os relatos das mulheres apontam sempre para a interrupção dos programas enquanto dura o relacionamento. Posteriormente, ao fim da relação elas voltam para rua para conseguir sustentar-se novamente. Silvia fala do ciúme do atual namorado em vê-la conversando com suas antigas amigas de ponto, por achar que ela está marcando algo, mesmo deixando a vida e estando grávida do rapaz.

De acordo com BOURDIEU (1999), as diferenças anatômicas visíveis associadas ao habitus fazem da ordem social uma condição de predominância simbólica masculina. Essas diferenças anatômicas moldaram as diferenças sociais, e essa relação se reinscreve diretamente na produção dos corpos cheios de especificidades de gênero. Se pudéssemos dizer esquematicamente qual a relação entendida aqui seria esta: a diferença, elemento básico e constituinte do social, marca a condição dos corpos, que por sua vez são classificados de modo que outrem seja relacionado na ordem lógica. Esse elemento relacional é produzido e classificado como corpos diferentes culturalmente e com atribuições sociais específicas. O gênero, como parte desta lógica, produz corpos sexualizados e assimétricos. PASINI (2005) apresenta dados semelhantes, que reiteram a idéia de que os homens não aceitam que suas companheiras efetuem os dois papéis: esposa e prostituta. Quando questionei uma delas sobre qual o momento de deixar a vida para viver o relacionamento e como era a passagem, duas delas me disseram que para provar amor ao seu homem deveriam obedecer e sair de rua, sacrificar-se em ser o que o homem sonha, como uma espécie de gratidão por tê-la aceito. Se a expectativa masculina não é correspondida, a relação desemboca em dois contextos: a violência contra a mulher, como é o caso de Zilda, ou o abandono como foram os casos de Silvia e Jéssica.

Porque o homem é assim, ele não quer uma prostituta para esposa e quem ia querer, então tá certo da parte deles e não tá também, se me conheceu aqui ou em outro lugar e sabe o que eu faço não devia ter vergonha, mas tem, quando a gente gosta, aproveita e faz os gostos dele, mas não devia não, porque ele arruma outra, aí fica o filho e toca vir pra cá e brigar por pensão. (Jéssica, namorando).

*Eu vou falar uma coisa pra você, hoje, graças a deus, minha mãe mora com meu padrasto em *** e já faz 17 anos que eles tão junto.*

*Minha mãe era dessa vida aqui também. Tenho mais duas irmãs que são também. Uma delas é madrinha da minha mais nova, a Suzi, você conhece, né? (faço uma afirmativa com a cabeça). Meu pai biológico batia em minha mãe e eu tenho lembranças desses atos do tempo que eu morava em C****. Meu padrasto é um santo homem, criou nós três e tirou minha mãe do sofrimento não tenho do que reclamar. Um dia eu acho que vou achar um pra mim também e ai tchau, é muito sofrido isso aqui (Selma, solteira)*

Rindo muito dizia: “Eu tinha 10 ou 11 anos quando fugi de casa, eu e umas amigas íamos na casa de umas travestis, veado, sabe né? E eles se encantaram por nós e nós pela vida deles. Poxa, faz um cálculo, bebia, dançava e pagavam pra poder comprar roupa, sapato. O fato da gente dança bem fez com que as travestis sugerissem pra irmos a Rio Preto e ganhar dinheiro em uma boate. Na hora pus umas roupas na mochila e peguei o ônibus na rodoviária, eu tinha jeito de moça e ninguém me pediu documento, eu larguei da escola e cai no mundo. Minha mãe ficou louca atrás de mim colocou policia e tudo. Só que eu era pinta e fui descoberta.” [...]

Começamos a falar sobre educação, o que sempre traz o assunto filhos. Vi que uma linha levantou-se em seu rosto, a boca perdeu seu ar de sorriso, mexeu no cabelo e arrumou os óculos. Disse que havia voltado a fazer o supletivo onde reside, que seu sobrinho, o filho de Suzi, havia deixado a escola, a filha de Selma também. A filha de Selma estava morando com Suzi, pois também abandonou a escola. Silvia disse que estava morando no apartamento da mãe, que foi embora pra Itu. Ela enfatizou que não deixará seus filhos saírem da escola: tem dois filhos jovens, um de 12 e outra de 7. (nota de campo, 01 de junho de 2009-Silvia)

Selma possui três filhos com idades que variam dos dez anos aos três. Ela exerce a atividade já há quinze anos. Sempre repete que seu sonho é ter uma casa “normal”, orgulha-se por criar os filhos sem a interferência dos pais ou de qualquer outro homem. Possui duas irmãs, também prostitutas, que moram no mesmo prédio que ela e que, assim como ela, criam conjuntamente os filhos. As três ajudam-se mutuamente, pois não possuem contato com o resto da família que reside em Marília. Quando questionei o porquê, disse que o fato de sua mãe ter se iniciado nessa profissão afastou-as dos outros parentes. Assim, os laços entre as quatro mulheres (mãe e três filhas) se fortaleceram, pois além de irmãs e filhas, são comadres.

Nas literaturas sobre prostituição, sobre famílias de camada popular e nas conversas cotidianas torna-se recorrente ouvir essa configuração de família, da “unidade mãe-filhos”. É importante ressaltar que não se faz aqui nenhuma correlação direta entre a

“unidade mãe-filhos” e a prostituição, apenas que as mulheres prostitutas, nesses casos, se enquadram nesse segmento de mulher, chefe de família e da casa.

SARTI (1995), ao discorrer sobre as mães solteiras⁸ diz que elas suportam moral e financeiramente sua casa e seus filhos, e atribuem para si “o valor associado à coragem de quem enfrenta as consequências de seus atos” (SARTI, 1995, 53). SARTI (1995) fala em “coragem”, FONSECA (1995) e PASINI (2005) consideram “valentia” esse atributo de gênero que definiria o papel masculino na estrutura familiar como um elemento do universo feminino, das mulheres que, como mães, se posicionam como figura forte necessária para suportar a casa simbólica e financeiramente.

O resultado das conversas com essas mulheres revelam sua preocupação com uma ocupação que visa o sustento da família. As falas inseridas nos textos de SARTI (1995) e de BACELAR (1992) são semelhantes ao apresentar uma espécie de código de honra feminino que envolve a responsabilidade da criação dos pequenos. A mulher/provedora ao sustentar seu filho acessaria uma “autonomia moral” semelhante ao do homem/trabalhador/provedor. O que se deseja fazer neste trabalho é apontar uma positividade na “unidade mãe-filhos”. No entanto, é recorrente escutar das mulheres prostitutas que elas sofrem com os olhares por sua dupla condição, à medida que se entende que uma prostituta não pode ser uma mãe digna. Nas falas, até mesmo as mulheres passam a reproduzir, que o esforço de sustento da casa e da criação dos filhos não pode ser reconhecido e apresentado aos filhos pela profissão que elas exercem.

Se “honra”, “valentia” e “coragem” remetem a atributos do universo masculino, a ausência da figura masculina ou, no caso de Zilda, a existência de um companheiro jovem sem autoridade efetiva de legislar na educação das crianças ou prover o sustento da família, além de representar a centralidade da estruturação das relações familiares e parentais para essas mulheres, configura-se um elemento norteador de suas práticas e de sua referência como pessoa. A condição do jovem é de companheiro de Zilda em detrimento da condição de pai dos seus filhos. O que se torna particular são as formas como essa composição vai se realizando.

O desafiador é entender como as relações privadas se organizam, pois a instabilidade dos papéis e dos centros de poder (referentes à autoridade dos pais) vão se apresentando. DUMONT (1992) lança a possibilidade de se entender essas relações de

⁸ Este termo é usado por Sarti, por isso seu uso nesse trecho.

troca na família a partir da hierarquia como a matriz lógica e organizadora desse complexo. A diferença como elemento estruturante das relações opera organizando os níveis entre a parte e o todo de um conjunto que se configura ora como idêntico, ora como contrário. Os níveis hierárquicos desta forma conduzem a uma assimetria entre o superior-englobante e o inferior-englobado, como no caso homem-mulher. Na análise de Dumont, ainda é possível apontar que a posição hierárquica produz outros níveis, que permitem ao inferior demandar certo domínio no interior de um determinado contexto, a exemplo, a figura da mãe de família, que por mais inferiorizada que seja por seu sexo frente a determinados olhares, não deixa de exercer certo domínio no interior da família.

Conclusão

Sinto que agora minhas “nativas” sentem-se mais à vontade com a minha presença na rua, ao contrário, do que acontecia no início da pesquisa de campo, o que faz com que um novo fôlego inspire as observações. Acredito que a proximidade deve ser vista como um elemento que produzirá bons resultados, pois já passamos pelo período de “estranhamento”, desenvolvendo agora o período de “reconhecimento”. Não sei se o acesso às residências será uma meta alcançada, tendo em vista o que representa ter acesso a intimidade das pessoas em seu nicho doméstico, mas isso será alvo de minhas tentativas.

A Antropologia tem sido um exercício de conhecimento valoroso, tendo em vista a minha formação sociológica. Ora o trânsito, ora a imbricação entre essas formas de conhecimento através dos diálogos e debates entre os autores já conhecidos e os novos contatos, fazem crescer meu leque de entendimento e interpretação dentro das ciências sociais. Esse texto é o primeiro rebento desta transição e imbricação, desse deslocamento do olhar. Para tanto é possível perceber ares de uma semi-socióloga e semi-antropóloga nas formas e conteúdos. O que faz com que se tenha, como resultado do relatório, esta parcialidade de todos os seus elementos: do campo, do meu olhar de pesquisadora, do conteúdo bibliográfico, entre outros.

Referências Bibliográficas

BACELAR, J. A. **A Família da Prostituta**. Ensaios 87. SP, Ática e Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**, Rio de Janeiro, Bertrand, 1999.

CALDEIRA, Teresa P. R.. ***Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo***. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

DUMONT, Louis. ***Homo hierarchicus: O sistema de Castas e Suas implicações***. Trad. Carlos Alberto da Fonseca, São Paulo: EDUSP, 1992.

FONSECA, C. L. W. A dupla carreira da mulher prostituta. ***Revista de Estudos Feministas***, v. 4, n. 1, p. 7-34, 1996.

_____. “Cavalo Amarrado Também Pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n° 15, ano 16, fevereiro de 1991.

_____. “A mulher valente: gêneros e narrativas”. In: *Revista Horizontes Antropológicos*, 1995.

FREITAS, Renan S. “Prostitutas, Caftinas e Policiais: A dialética das ordens opostas”. In: *DADOS - Revista de Ciências Sociais*, v. 27, n. 2, 1984.

_____. *Bordel, Bordéis: negociando identidades*. Petrópolis, Vozes, 1985.

GASPAR, Maria Dulce. ***Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985

LANGENEST, J. P. B. ***Mulheres em leilão: um estudo sobre a prostituição no Brasil***. Rio de Janeiro: Agir Ed., 1973.

MORAES, Aparecida F. ***Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo***. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

PASINI, Elisiane. ***Corpos em evidência, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo***. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000

_____. ***Os homens da vila: um estudo das relações de gênero num universo de prostituição feminina***. Tese de doutorado (Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005

PERLONGHER, N. O. ***O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo***. SP, Brasiliense, 1987.

RAGO, Luzia M. ***Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)***, Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1991

SARTI, Cynthia A. ***A família como espelho***. Um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Autores Associados Ed., 2003.